

DOI: 10.35621/23587490.v8.n1.p983-995

A ARTE DA RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MÚSICA “A CRUZ” DE RENATO ENOCH SOBRE VIVÊNCIAS MARGINALIZADAS¹

THE ART OF RESISTANCE: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE SONG “THE CROSS”, BY RENATO ENOCH ON MARGINALIZED EXPERIENCES

Anna Clara Lira de Moura²
Benícia Brenda Barbosa da Silva³
Kasandra Campos de Oliveira⁴
Sabrina Cristiane Alves de Oliveira⁵
Taciana Dantas Nunes Gomes⁶
Lúcia Maria Temóteo⁷

RESUMO: Objetivo: O presente trabalho visa elucidar o processo de opressão até a resistência, através da arte, vivenciados por indivíduos historicamente marginalizados pela sociedade. **Método:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, onde se considerou a música como mecanismo criativo e transformador que, apesar de retratar questões e sentimentos individuais, possui em seu conteúdo um teor político e que, por ventura, pode-se tornar comum entre sujeitos que se identificam com determinadas problemáticas e contextos abordados. Portanto, com o enfoque na opressão de grupos minoritários (LGBTQ+, mulheres, negros, idosos e etc), que possui origem no mesmo sistema hegemônico, patriarcal, heterossexual e capitalista, optou-se por analisar a narrativa contida na composição audiovisual do clipe e da música “A cruz”, de Renato Enoch, que se encontra disponibilizada na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube. O estudo foi realizado através de uma observação crítica a análise considerou as concepções de Michel Pêcheux diante da análise do discurso. **Resultados:** Há corroboração entre o conteúdo

¹Artigo desenvolvido a partir do Curso Básico de Gênero e Sexualidade promovido pelo NUA - Núcleo Anayde Beiriz Pesquisa e Extensão em Gênero e Sexualidade da Psicologia da Faculdade Santa Maria.

²Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Maria - aclira27@gmail.com.

³Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Maria - beniciabrendabarbosa@hotmail.com.

⁴Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Maria - kassandraoliveira13@hotmail.com.

⁵Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Maria - sabrnaoliveir16@outlook.com.

⁶Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Maria - tacionadantassbpb@gmail.com.

⁷Licenciada em Psicologia, Mestra em Educação, Professora de psicologia da Faculdade Santa Maria, Membro da Sociedade de Psicanálise da Paraíba luciatemoteo@gmail.com.

contigo na referida obra e a literatura disponível sobre a arte ser representativa, possuir um posicionamento político portanto, um papel significativo na resistência de indivíduos que lutam pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A pluralidade humana é destacada e denota-se, por meio da letra e do clipe, o cenário fatídico de sofrimento, resultante do preconceito e privação de direitos, que esses sujeitos, tidos como fora dos padrões normativos que são impostos pela sociedade, enfrentam. Contudo, é demonstrado na composição também o entusiasmo, a persistência e a consciência de luta contínua revelando a potência de resistir através das inúmeras facetas da arte para se ampliar possibilidades de vidas plenas. **Conclusão:** O preconceito presente na estrutura social brasileira ocasiona um cenário de desigualdade para os indivíduos que fogem da heteronormatividade. Conclui-se que a arte é uma ferramenta transformadora nesse processo de desconstrução e preconceitos, sendo assim, colocado pela canção do artista Renato Enoch: "A cruz" é evidente a necessidade e urgência dos sujeitos resistirem diante das inúmeras facetas excludentes abordadas ao longo desse trabalho.

Palavras chave: Arte. Ativismo Político. Grupos Minoritários. Psicologia.

ABSTRACT: *The current work desire to elucidate the process of oppression to resistance, through art, experienced by individuals historically marginalized by society. This is a qualitative study, where music was considered as a creative and transformative mechanism that, despite portraying individual issues and feelings, has in it's a content political and, perhaps, can become common among subjects who identify with certain problems and contexts addressed. Therefore, with a focus on the oppression of minority groups (LGBTQ+, women, blacks, the elderly and etc.), which originates in the same hegemonic system, patriarchal, heterosexual and capitalist, we chose to analyze the narrative contained in the audiovisual composition of the clip and the song "The cross", by Renato Enoch, available on the Youtube video sharing platform. The study was carried out through a critical observation about Michel Pêcheux's conceptions in the face of discourse analysis. There is corroboration between the content covered in the referred work and the available literature, both being representative arts, which have a political position, thus, a significant role in the resistance of individuals who struggle for the construction of a more just and equal society. Human plurality is highlighted and the fateful scene of hardship, that results from prejudice and disenfranchisement, which these subjects considered to be outside the normative standards imposed by society, face through the lyrics and the clip. However, the composition also shows enthusiasm, persistence and an awareness of continuous effort, that reveals the power to resist through the countless facets of art to expand possibilities for full lives. The prejudice present in the Brazilian social structure causes an inequality scenario for individuals who flee from heteronormativity. It is concluded that art is a transformative tool in this process of deconstruction and prejudice, being thus placed by the song by artist Renato Enoch: "The cross", is evident the need and urgency of the subjects to resist in the face of the numerous excluding facets addressed throughout this research.*

Keywords: Art. Political Activism. Minority Groups. Psychology.

INTRODUÇÃO

A ascensão do movimento feminista fez com que, nas últimas décadas, estudiosos do Brasil e do mundo se dedicassem a investigar componentes das estruturas da sociedade que provocam e asseguram desigualdades, discriminações e opressões. Como alguns dos principais frutos desses estudos, as relações de poder e as teorias de gênero se apresentam como elementos indispensáveis para se compreender uma quantidade significativa dessas problemáticas (BIROLI, 2018).

Contudo, isso se justifica pela observação de que as sociedades modernas e contemporâneas lidaram e lidam com dispositivos de poder que, de forma estratégica, agem sob todos os indivíduos e, conseqüentemente, nas relações interpessoais, ou seja, esses mecanismos atuam diretamente na constituição organizacional das sociedades (JUNIOR, 2020).

Michel Foucault (1984a.) aponta que até o início do século XVI as pessoas experimentaram uma liberdade que ao longo dos anos foi sendo reduzida pelos discursos da igreja e das ciências como medicina, psiquiatria, psicanálise e pedagogia. Instaurou-se, portanto, um controle sob os corpos e suas práticas sexuais, de maneira que as formas de vida foram reordenadas com base em conceitos morais e a intenção de se obter uma sociedade normatizada.

Partindo dessa premissa, desenvolvida por Foucault, Cardoso *et al.* (2020) esclarece que o gênero enquanto categorização do feminino e masculino, imposta ao sujeito antes mesmo do seu nascimento, ocasiona um condicionamento enquanto lugar na sociedade e papéis que pode e deve exercer. Nesse sentido, segundo Junior (2020), compreende-se que o caráter binário do gênero potencializa essas relações de poder, já que guia e sustenta as formas de vida preconizando padrões de comportamento e de relacionamentos, enquanto torna invisível vivências que "fogem das regras".

Sá (2016), traz reflexões acerca do que pode ser considerado o cerne das questões aqui relatadas, pois, destaca o corpo como uma das principais referências de

identificação dos sujeitos e afirmação de suas existências, porém não única, visto que os padrões de gênero e sexualidade são, muitas vezes, essenciais no processo de identificação. Portanto, essa construção varia de acordo com a época e espaço em que esse indivíduo está inserido, moldando a realidade dos sujeitos conforme suas particularidades, de acordo com as transformações históricas e sociais.

A forma com que se ligou o corpo, o sexo, a identidade de gênero e a orientação sexual a um conteúdo estritamente natural e biologizante, desconsidera a pluralidade humana e complexidade de tudo que constitui os sujeitos, como seus desejos e pensamentos. Houve uma limitação das possibilidades de vivências e fez com que aqueles que não se enxerguem nas determinações sociais sejam posicionados à margem da sociedade e discriminados (CARDOSO *et.al.*,2020).

Contudo, pode-se observar corriqueiramente diversas práticas opressoras, onde o fator de desumanização é responsável por violações que ocasionam danos físicos, psíquicos e sociais. Os sujeitos são impedidos de exercerem a liberdade enquanto direito humano de se mostrarem e viverem como realmente são, muitas vezes exigindo que estes travem lutas árduas contra o sistema e estrutura social para alcançarem (ao menos minimamente) uma vida plena em direitos. (DALAQUA, 2020).

Nesse sentido, para Lopes e Carvalho (2019), torna-se essencial a desconstrução das normativas sociais dominantes como forma de visibilizar as múltiplas subjetividades que fogem a essas normativas, bem como elucidar as problemáticas que delas decorrem.

Portanto, o presente trabalho teve o objetivo de analisar as múltiplas formas de resistência de indivíduos socialmente marginalizados, retratadas no clipe e na música “A cruz”, de Renato Enoch, com o intuito de se discutir elementos de destaque no processo de luta e sobrevivência em uma sociedade constituída de conservadorismo.

Concebendo a arte como mecanismo de expressão da subjetividade e das vivências ao longo dos séculos, Costa (2020) a ressalta como um dos principais meios históricos de representação cultural, bem como de resistência dos indivíduos segregados socialmente. As diferentes formas de reconhecimento através da arte, perpassam desde o incentivo dos grupos sociais próximos (família, amigos, sujeitos

da comunidade), o reconhecimento nos meios de comunicação e de mídia, permitindo assim maior alcance, logo, maior visibilidade, tendo como ápice a ocupação de novos espaços.

Dessa forma, a produção musical apresenta-se como um dos possíveis mecanismos de criação artística por vezes permeado de caráter crítico e político a medida que aborda questões de violência, segregação e discriminação, os quais são recorrentes em nossa atualidade. (Lopes e Carvalho, 2019).

Pode-se dizer que a música é a linguagem que se traduz em forma sonora, cuja força pode expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento entre som e o silêncio. Por isso, a música e o audiovisual é a arte de se exprimir por meio de diferentes sons, como batidas de mãos, batidas de pés, estalos, de água, o vento que assobia, o som de gotas de chuva caindo, entre outros, ou seja, é possível relacionar música, gestos e palavras. A descoberta de quais materiais usar (sons corporais, sons vocais, de instrumentos) é dever a ser processado no coletivo, através de pesquisas de matérias disponíveis na internet, onde o artista com equipe elencará os ajustes de todo trabalho artístico (BRITO, 2003).

É fundamental considerar que a música tem a função de ser um agente facilitador e integrador no processo educacional, através da pedagogia e da psicoeducação, a arte proporciona para o telespectador o processo de análise e auto crítica, por despertar muita das vezes insights acerca de alguns preconceitos e intolerâncias que o sujeito possa vir a ter (ZAMPRONHA, 2002). Pontuar a música na educação é defender a necessidade de sua prática não só em âmbitos escolares, mas é auxiliar o educando, seja ele professor ou artista a concretizar sentimentos em formas expressivas, ou seja, é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo e possibilitar a compreensão de suas vivências, conferindo sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão.

A arte, por ser artefato da cultura, pode funcionar como mecanismo de controle e possibilitar resistências no sujeito em diversos âmbitos. Foucault coloca que a concepção de poder estar relacionada a divisão que classifica o que pode vir a ser repressor ou não (MIZRAHI, 2007). Por isso, problematizar o impacto da heteronormatividade no processo desse "resistir" sob o escudo da arte, é urgente,

uma vez que a arte faz muito mais do que produzir distinções acerca dessa desconstrução.

Compreendido como um inusitado sistema que trabalha simultaneamente as dimensões da natureza e da cultura, o corpo enquanto gerador de condutas de expressão e de trocas simbólicas na sociedade contemporânea é convocado a substituir o status de indivíduo pelo de objeto, isto significa que a compreensão do corpo como máquina perfeita da natureza dá lugar ao sentido de objeto a ser exibido (KUPER, 2002).

METODOLOGIA

Este presente trabalho teve como enfoque a análise da obra “A cruz” de Renato Enoch, com colaboração de Rafaela Nassam, como instrumento de estudo foi utilizado a letra e vídeo ambos disponíveis na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, a análise do vídeo foi realizada em novembro de 2020.

Sendo um estudo qualitativo com revisão narrativa, a análise foi desenvolvida a partir da observação crítica do curta-metragem.

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa trata-se de um estudo subjetivo, que analisa determinado fenômeno social, de acordo com o contexto em que sujeito está inserido. E busca a manifestação natural do indivíduo, sobre determinada questão social que é o que ocorre na música e no clipe. Para a pesquisa qualitativa é preciso ir a campo, por tanto, o campo deste estudo é o curta-metragem.

A arte é uma importante ferramenta política, portanto, vem sendo utilizada para pesquisa. Ao longo da história, artistas trazem em suas músicas, além da representação cultural, posicionamentos que muitas vezes questionam, ou vão de lado contrário, aos pensamentos e imposições da sociedade. A música e o clipe analisados ao longo desse trabalho, retratam a diversidade de gênero, que aqui no Brasil é uma discussão pertinente nos últimos anos.

Optou-se por realizar a análise da música e do clipe embasada de acordo com as teorias da análise do discurso de Michel Pêcheux. Caregnato e Mutti (2006), apontam que a análise do discurso enquanto teoria de Michel Pêcheux, é um processo que interroga todas as formas de produção, e vai além do texto, esse processo analisa também o que está posto de forma não verbal, como imagens e linguagem corporal. Além disso, a análise do discurso articula em seu processo a ideologia, a história e a linguagem, o que faz com que a análise vá ao encontro do sentido da música e do clipe, de acordo com o processo histórico que a sociedade está vivenciando em relação às discussões sobre a diversidade de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisou-se a música de Renato Leite Enoch, “A cruz”, com o seu clipe, a partir das teorias de Michel Pechêux. Portanto, observou-se que a referida obra corrobora com a ideia de que a arte pode ser tida como um recurso de representação cultural e posicionamento político, pois esta aponta para a exposição da diversidade de gênero presente em nossa sociedade, assim como demonstra seu uso tal qual um mecanismo de resistência de um povo discriminado por sua ao preconceito, discriminação, desigualdade e ausência da liberdade de expressão. É feita, pluralidade e multiplicidade.

A música inicia com: *“essa é a cruz que eles carregam, esse é o peso que eles aguentam”*, referindo-se portanto, uma comparação de tais elementos negativos com uma cruz, sendo esta relacionada a método de tortura, e, nesse sentido, remete-a ao sofrimento e dificuldades que pessoas de grupos minoritários, como mulheres, negros, LGBTs, pessoas com deficiência e outros que são segregadas da sociedade, carregam. Esses sujeitos precisam lidar diariamente com fardos advindos da incompreensão de que o ser humano pode possuir incontáveis formas, viver sob diferentes concepções e conter peculiaridades que, ao invés de serem julgadas, deveriam ser asseguradas por direitos e empatia.

Sob tais preceitos, quando se segue analisando, a frase *“olhares cheios de asco, palavras cheias de veneno”* denota os diferentes comportamentos pelos quais o preconceito se manifesta e se dissemina contra essas pessoas, mostrando assim que as situações de discriminação configuram-se até mesmo pelos mais sutis gestos. Nesse sentido, pode-se pensar na dificuldade que alguns indivíduos possuem de assumir a própria identidade, sobretudo nos meios sociais e de comunicação em função do receio de sofrer com o preconceito, como sinaliza Grespan (2017) acerca das dificuldades de sociabilização dos sujeitos que fogem ao padrão de identidade binária heterossexual, nas redes sociais, tendo em vista a propagação massiva de discursos de ódio e constantes ameaças que estes indivíduos sofrem.

Dessa forma, apesar de as funções de redes de comunicação estarem ligadas a aproximação de pessoas, o ambiente tido como livre faz com que alguns sujeitos se sintam confortáveis para falarem o que pensam, mesmo que tais discursos sejam ofensivos, fazendo com que pessoas carregadas de preconceito associem liberdade de expressão com uma prática criminal, possuindo conteúdos racistas, homofóbicos, gordofóbicos, etarismo e outros, fortalecendo, a opressão que já é percebida e sentida por uma parcela da população no contexto social e governamental, conforme afirma Nery (2015) sobre as redes sociais se apresentarem como um espaço de risco na sociedade contemporânea.

Contudo, é necessário salientar que, assim como toda forma de violência, as que são deferidas em um espaço virtual, também geram danos, uma vez visto que os sujeitos alvos de tais crimes sofrem de forma significativa e podem desenvolver problemas de ordem mental (RECUERO; SOARES, 2013). As redes sociais tornaram-se uma modalidade onde diferentes sujeitos, em qualquer lugar, e de qualquer especialidade, têm a chance de participar de modo efetivo para se engajar cotidianamente com demais usuários. O surgimento da internet auxiliou as pessoas a difundirem as informações de forma mais rápida e mais interativa, no entanto, muitas das vezes essa interação ocorre sob escudo da intolerância dos internautas acerca de determinados grupos minoritários.

A letra da música segue revelando as formas de preconceito com a diversidade: *“não é justo que um beijo inicie uma guerra”*, esta expressão considera

as vivências da comunidade LGBT, já que as orientações sexuais que fogem da “normativa”, ou seja, fogem da heterossexual, causam repúdio em boa parte da sociedade. Declarações públicas de afeto, que são vistas com admiração quando propagadas por casais héteros, ao serem protagonizadas por casais homoafetivos, por exemplo, são tomadas como motivação para agressões, sejam físicas ou verbais, provocando nessa população, um retraimento, medo e constante vigília. Em sequência, *“ser diferente torne a vida severa”*, faz referência aos sujeitos que, por serem quem são, estando distantes dos padrões que a sociedade determina como adequado, enfrentam inúmeras dificuldades, tendo seus dias acometidos por discriminações e privações de uma vida plena.

Mesmo sabendo do quão complexo é se mostrar diferente e viver conforme necessidades e ambições próprias, muitos não se privam desse direito. Esses sujeitos correm riscos com o intuito de não tornarem suas vidas invisíveis e isso é ressaltado em *“colocam na cruz esses bravos soldados que mesmo torturados se mostram por inteiro”*, tornando claro que, ao adotarem tal postura, incalculáveis problemáticas podem os acometer. Portanto, viver distante das predeterminações sociais e ser fiel ao que há no âmago de cada um exige luta e militância contra as forças do sistema.

“Essa é a dor daqueles que amam, daqueles que nem fazem mais planos”, isso remete ao fato de que nos noticiários do Brasil e do mundo é comum observar relatos de casos de pessoas que foram agredidas de diversas formas e até mesmo mortas por suas diferenças. Inclusive, é possível observar crueldade que são direcionados para a comunidade LGBT, cuja orientação sexual é tida como motivação de violência, e com isso, os sujeitos que a integram respiram medo ao andar pelas ruas ou até mesmo ao dividirem seus lares com aqueles que não compreendem a pluralidade humana. A sensação eminente de que a qualquer momento podem tornar-se vítimas é algo prevaiente, e isso atrapalha o exercício de uma confiança no futuro. Schirmer *et al.* (2016) considera que agressões físicas ou simbólicas, voltadas a esse grupo é um fenômeno presente na história da sociedade desde muito cedo, que atualmente vem se buscando minimizar através de leis, mas que ainda sim, se faz presente no nosso tecido social.

O que é tido em *“Lutando para serem aceitos. Lutando para darem seus jeitos”* é uma expressão da busca pela desconstrução patriarcal que ocasionam o cenário de desigualdade. Esses sujeitos buscam reconhecimento, aceitação e direitos, sempre com mecanismos que lhe parecem viáveis, se articulando como conseguem, fazendo com que suas vozes sejam ouvidas de todas as formas possíveis. Porém, *“Insistem, mas tanto falha. E mesmo com quase nada, se mostram por inteiro”* revela que mesmo com bastante empenho usado até aqui, com longos anos de luta e militância política, os resultados ainda não foram suficientes. Há muito o que ser feito por esses que possuem vidas limitadas e precisam, de forma urgente, terem suas aclamações atendidas. Junior (2016) assegura que os dias atuais realmente se tornaram palco de discussões intensas sobre a política dos corpos, onde os sujeitos persistem bravamente contra o que é imposto e ditado sob a perspectiva de “normalidade”, requerendo o direito de se expressarem conforme desejam, sendo assim, necessário que essa se perpetue.

“Mesmo tremendo de frio ou de solidão, não tem mais segredo”, o ato de assumir-se, revelando e afirmando os próprios desejos, sentimentos e pensamento, mesmo que sob as problemáticas mencionadas, proporciona aos sujeitos o encontro com a própria subjetividade, sendo uma forma de se sentirem pertencentes a algum lugar na sociedade, colocando-se entre os semelhantes e se reafirmando enquanto pessoas singulares. *“Mesmo com mais medo da vida do que da morte, em um mundo tão hostil”*, demonstra a tomada de consciência do quão cruel essas relações de poder vigentes na sociedade podem ser, tornando o risco de vida algo muito presente, porém, a necessidade de uma atuação direcionada à desconstrução se faz mais forte.

O vídeo apresenta um momento de sincronia que provoca empoderamento e emoção durante a frase *“Nenhuma luta será em vão”*, onde há participação de Duda Salabert, a primeira mulher transexual a se candidatar ao cargo de senadora da República, revisitando a luta da comunidade.

“Em tempos de ódio o amor virá em todas as cores. Gigante que é pra doer os olhos, embrulhar o estômago e embaralhar a mente pequena de quem só consegue enxergar em preto e branco”, apesar de batalharem todos os dias para obterem igualdade, de tentarem romper o ciclo que usurpa seus direitos e verem que

as vitórias são raras, a luta pela efetividade de seus direitos e por uma sociedade com equidade há de continuar. Acredita-se em uma mudança brusca, onde todas as pessoas poderão viver livres de opressões e “*Mas com muita poesia seguimos em plena harmonia*” potencializa a arte política como transformadora.

CONCLUSÃO

No cerne da estrutura social brasileira encontram-se preceitos morais, biologizantes e religiosos que insistem em serem conservados. Essa estrutura perversa ocasiona um cenário de desigualdade promovido pelas relações de poder e, como resultado, perpetuam sofrimento entre os que se mostram ou se posicionam de forma contrária ao que é pregado como “certo”, “natural”, “normal” e “adequado”.

A opressão, discriminação, rompimento de direitos e a violência, em suas múltiplas facetas, contra sujeitos pertencentes a grupos minoritários no país, tem um caráter histórico que perdura durante séculos, em que idosos, pessoas LGBTQ+, negros, mulheres, gordos e etc, precisam lidar diariamente.

Em meio ao cenário atual brasileiro de retrocesso e repressão dos direitos de grupos postulados como minoritários, a luta por uma vida com segurança, respeito e liberdade tem exigido bastante força, coragem e resistência frente ao panorama descrito. Isso faz com que os sujeitos se articulem de várias formas para clamar por igualdade social e mostrar o quanto suas vivências são limitadas.

Considerando a arte como ferramenta criativa e transformadora, a música e o audiovisual do clipe permite acessar, mesmo que de forma breve, a subjetividade que é moldada através desses processos, entre a angústia e a aceitação de si.

A música “a cruz”, de Renato Enoch apresenta-se enquanto obra de resistência dos grupos minoritários, uma vez que esta expõe processos que perpassam a vida desses sujeitos, desde a discriminação, o ódio infundado que acarreta medo, até a força e a coragem de mostrar-se ao mundo. Isso posto, o clipe do artista também vem mostrando o quão as subjetividades são presentes nessa pluralidade de realidades, colocando para fora toda essa força e vontade de ser

quem se é. As cenas mostradas no clip de situações cotidianas, provocam o internauta, por se tratar de cenas sensíveis e “cruas”, o convoca a um posicionamento e mostra a necessidade premente de resistir e exigir uma vida digna, longe de todas as discriminações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. Boitempo Editorial, 2018.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CARDOSO, Aldryn *et al.* **Gênero imposto-coação e punição hegemônica**. REVES-Revista Relações Sociais, v. 3, n. 2, p. 0034-0048, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/9679>>. Acesso em: 08 nov. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000400017&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 01 out. 2020.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo**. Texto e contexto - enferm, Florianópolis, V.15, N.4, Oct/Dez. 2006.

COSTA, Gustavo de Sousa Cardozo. **Cultura e resistência: A luta de artistas LGBT's em João Pessoa**. 2020. Disponível em: <<https://www.academia.edu/download/64380871/PROVIS%C3%93RIO%20-%20Cultura%20e%20Resist%C3%Aancia.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020.

DALAQUA, Gustavo Hessmann. O que é opressão? **Aprenda a dizer a sua palavra**, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/62297257/Freire_Opressao.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SILVA LOPES, Flávia Marina; CARVALHO, Paulo Roberto. **A sustentabilidade afetiva nos movimentos LGBT: Um estudo de caso a partir da produção musical**. 2019. Disponível em: <<https://www.congressoservicosocialuel.com.br/trabalhos2019/assets/4604-229893-35520-2019-03-28.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

GUSMÃO SÁ, Beatriz Yolanda Pontes. Corpo, gênero, sexualidade e a construção social dos indivíduos. **REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, ano 3, volume 3(2):10-19, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/download/229975/24168>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

SOUZA JUNIOR, Paulo Fernando Mafrá. **Militância LGBT e (in) tolerâncias midiáticas: diversidade sexual, religiosidade e política do corpo afro-indígena no Vale do Rio Guaribas-PI**. 2016. Disponível em: <http://www.faculdadersa.com.br/Arquivos/downloads/semana_cientifica/Trabalhos%202016/Serviço_Social/MLITANCIA_LGBT.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2020.

ENOCH, Renato, Enoch - **A cruz**. Youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/pWSMtmldsVw>>. Acesso em: 28 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984a.

GODOY, Ailda Schmiat. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de administração de empresas, São Paulo, V.35, N.3, pp. 20-29, Mai/Jun. 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

GRESPLAN, Carla Lisbôa. **Sociabilidades juvenis lgbt (iq): o facebook e sua potencialidade para as políticas de performatividades.** 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação. 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. 2017.

JUNIOR, Dirceu Arno Krüger. **As relações de poder e o gênero: sobre a produção de epistemologias e a significação do corpo em Michel Foucault e Judith Butler.** *Polymatheia-Revista de Filosofia*, v. 12, n. 21, 2020. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=PRF&page=article&op=view&path%5B%5D=3830>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

KUPER, Brito Adam, (2002). **Cultura: A visão dos Antropólogos.** Bauru, SP: EDUSC.

MIZRAHI, M. **Funk, religião e ironia no mundo de Mr. Catra.** *Religi. Soc. SciELO*. V.27. n.2. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872007000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 out. 2020.

NERY, Inez Sampaio; FEITOSA, Jairo José de Moura; SOUSA, Álvaro Francisco Lopes de; FERNANDES, Ana Catharina Nunes. **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescente.** *Acta. Paul. Enfem.* v.28 n.3. São Paulo. Mai/jun.2015.

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscilla. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: caso da fanpage "Diva depressão".** *Galáxia*. V. 13 N.26. São Paulo. Dec. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000400017&script=sci_arttext&lng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SCHIRMER, Anderson *et al.* **Homofobia, véu do real.** 2016. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18835/2/Anderson%20Schirmer.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

ZAMPRONHA, M. L. S. **Da música, seus usos e recursos.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.